



# Encontro Nacional

Fundação Cuidar o Futuro

J.U.C.-J.U.C.F.

*M. Teresa Santa Clara Sousa*

1,2,3,4 - Dezembro de 1955 - PORTO

## JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA



Já mais de um mês se passou sobre o nosso Encontro. Não esquecemos ainda, porém, o entusiasmo, a alegria e a seriedade de preocupações que se viveram nos 3 dias em que estivemos reunidos. Muito se disse e repetiu - até de novo nos separarmos cada um para a sua Faculdade, as suas actividades, os seus problemas - que fora um Encontro excepcional em entusiasmo e em camaradagem. E foi de facto grande não só na fraternidade e alegria que pusemos na convivência e na troca de experiências, mas também, e principalmente, na generosidade e amor apostólicos que transpareceu na forma como se participava em todas as reuniões de trabalhos e sessões de conjunto. Muito recebemos nestes dias de convívio com os dirigentes da J.U.C. e J.U.C.F. das 3 Universidades.

Fazemos votos para que no ano que agora começou se mantenha em todos nós o clima de seriedade e generosidade que no Porto despertou, e para que irradie à nossa volta para todos os jucistas que não puderam estar no Encontro.

x  
x     x

Apresentam-se as "Conclusões do Encontro" condensadas de forma a não obrigar a demoradas leituras. Para evitar a dispersão, unificaram-se na medida do possível os vários relatos, intervenções e testemunhos que no Porto foram ouvidos separadamente, desde a abertura ao encerramento. Em consequência desta unificação, houve que modificar a ordem por que os vários assuntos foram focados, para obter uma exposição coerente. Quando a condensação e reordenação procuradas impuseram alteração de redacção procurou-se manter a fidelidade ao pensamento inicial.

## ASSISTENTES

Participaram no nosso Encontro, os seguintes dirigentes:

Da J.U.C.F. do Porto: - Marília, Luiza, Teresa Ferrand, Marília Farinas e Helena Elvas (de Belas Artes); Magnólia, Helena Gonzalez, Fernanda Paulo, Helena Fachada, Ana Maria, Maria da Glória e Maria da Assunção (de Ciências); Emília Sequeira, Guilhermina e Maria José (do Conservatório); Olívia, Leonor, Laura Resende, Laura Torres, Natividade, Perpétua, Eduarda Guedes, Lourdes Pinho, Arlette Carvalho e Helena (de Farmácia); Maria João, Laura Corujeira, Sara Maria, Matilde e Maria da Conceição (de Medicina). Em Mais: Irmã Maria de Lourdes da Eucaristia, Nômia Portugal, Maria do Céu Sanches, Maria Natália, Helena Soares, Salomé, Maria da Conceição Soares, Hermenegilda, Olímpia, Maria Elisa de Sousa, Maria Fernanda Lopes, Alga Ferreira, Maria da Graça, Ana Melo, Teresa Marinho e Olga Maria (de que não sabemos a Faculdade).

Da J.U.C. do Porto: - Bazenga, Condesso, Cravo, Abrunhos e Dantas (de Belas Artes); Luís Gonzaga, Américo, Múrias, Azenedo, Geraldo, Vasco, Torres Marques, Soares Barbosa e Lopes (de Ciências); José Garcia, Leucht (de Economia); Laurindo, Andrade, Branca, António Garcia, Junta, Olímpio, Cortez, Pato, Sousa Pinto, Pangél e Vaz (de Engenharia); Falcão da Fonseca, Guerra, Silva Junior e Marques (de Farmácia); Vicente, Van-Zeller, Torrinha, Camilo Santos, Camilo Sousa e Tomé (de Medicina).

Da J.U.C.F. de Coimbra: - Manuela Teixeira (de Ciências); Lourdes Marques (de Direito); Fernanda Cordilho, Amélia Dias dos Santos, Luiza Santos e Leonor Couceiro (de Medicina); Ana, Alice, Lourdes, Eduarda, Rosa Maria, Zita, Luiza Pires, Manuela Sousa, Judite Miranda, Manuela Nunes, Manuela Leite, Carmo e Graça Borges (de Letras).

## Fundação Cuidar o Futuro

Da C.A.D.C. de Coimbra: Adolfo Almeida, Mário Pinto, Silvério, Jasmins, Lopes Cardoso, Nuno Cardoso, Mengorovius, Elisio Puas, Jardim Gonçalves, Justino, Padre Álvaro e Padre Gardinhas.

Da J.U.C.F. de Lisboa: - Luiza (Agronomia); Alice Mascarenhas, Alisira, Lucília, e Fernanda Estrada (Ciências); Margarida Machette (Conservatório); Lena Charters (Direito); Maria João, Lena Valente, e Lena Sacadura (Económicas); Orlinda (Farmácia); Mila, Idalina, Teresa Santa Clara, Ivette, Benedita, Olga e Wanda (Letras); Conceição e Anita (Medicina); Lourdes Jorge (Social).

Da J.U.C. de Lisboa: ) Adolfo Macedo e Carlos Portas (Agronomia); Torre do Valle e Nuno Portas (Belas Artes); Malheiro (Ciências); Riguel Ascensão (Económicas); Heráclito (Letras); Halpern (Medicina); Fernando Belo e Manuel Salgado (Técnico).

Das Direcções Gerais: - Maria de Lourdes, Suzana, Zé Salema, Fernanda Fátimas, Celeste, Manuela Silva, Teresa Cardoso, Bárbara, Réne, Antonieta Santa Clara, Fernanda Gonçalves Pereira, Salgueiro, Mandel Correia, Fernão, Paço d'Arcos, e Pui Silva.

**AVISO** - Se qualquer dos participantes quiser obter alguma das fotografias tiradas no Encontro, poderá falar com o Presidente Diocesano da JUC do Porto, o Presidente do C.A.D.C. ou o Heráclito (de Lisboa).

O UNIVERSITÁRIO E A CULTURA

Por cultura não devemos, no que se segue, entender um conjunto de conhecimentos acumulados por uma pessoa, e portanto não podemos evidentemente considerar culto quem, numa preocupação enciclopédica, se limitou a juntar na memória, dados, definições e conceitos sobre os mais variados assuntos. Culto será o que tiver um pensamento bem informado - sem dúvida -, mas em que todos os conhecimentos foram bem assimilados e formam um todo coerente e equilibrado; terá uma concepção do mundo, assumida pessoalmente através de toda a vida passada - de leituras, de conversas, de experiências feitas, de testemunhos recebidos... -, e que orienta todos os seus passos e opções. Cultura não é, pois, uma coisa neutra que se junte à nossa vida, mas pelo contrário intervém em todas as decisões e dá-lhes base e unidade. Também não é fixa, feita de uma vez para todas: é viva. Cultura não é uma aquisição, mas sim uma posição face ao que nos vai acontecer e que os sucessivos acontecimentos vão enriquecendo. Entra em toda a nossa vida, e não de uma forma exterior ou como um adorno.

Por exemplo, a posição da cultura em relação à profissão não poderá ser expressa correctamente dizendo - como por vezes se houve - que há uma oposição cultura-especialização, nem sequer uma justaposição cultura-especialização - como ainda é mais corrente. Haverá, sim, num sentido profundo, um enriquecimento cultural através da experiência profissional, que é um dos meios mais poderosos de enraizar a cultura no real e de impedir que esta se torne numa série de divagações mais ou menos dilatantes.

Não é, pois, de uma questão de palavras que se trata, quando falamos de "Universitário e Cultura". Não diremos que o universitário é culto ou inculto conforme possuir ou não abundante cópia de conhecimentos de vários ramos. trata-se, pelo contrário, do conjunto de atitudes da vida toda. Diremos que somos cultos ou incultos conforme a maturidade, a abertura e correcção da nossa posição face ao curso e à profissão, face às artes e à literatura, face às descobertas da ciência, face à sociedade e à Nação, face ao humano e ao sobrenatural (1)

Das cada homem não vive isolado, material e espiritualmente, dos outros homens nem das instituições que o servem. Quer dizer, recebe uma influência do seu meio, através das ideias correntes e das instituições. E, se é certo que determinados homens podem e de facto agem sobre o ambiente em que vivem, não é menos certo que a maioria é profundamente influenciada por ele, de tal modo que quando queremos pensar na reforma ou na conversão do homem, não podemos esquecer a "conversão" das instituições e das ideias.

Interessa, portanto, para compreender a situação cultural da universitário médio, ver quais as influências a que está sujeito. É o que faremos na primeira parte do nosso trabalho.

(1) Este último aspecto é deixado de lado, por agora, e retomado na segunda parte; não, evidentemente, porque a posição perante o catolicismo não influa na posição cultural dos universitários - face à profissão, às artes, à sociedade... mas, sim, porque atendendo ao fim do nosso estudo, há todo o interesse em analisá-lo mais profundamente.

## I Análise da situação actual

Regra geral, os motivos que ocasionam a entrada na Universidade são o desejo de ascender a melhor posição social, o seguimento de vontade manifestada pelos pais e a tradição existente em certas famílias que faz com que os filhos tenham de ser "senhor doutor". Pouco pesam as exigências normalmente despertadas pela descoberta duma vocação pessoal e o sentido de profissão como serviço de Deus e dos nossos irmãos.

Ora, infelizmente, esta ligeireza em relação à vocação e à profissão tende a manter-se e até a acentuar-se ao longo do curso. O que interessa é obter o diploma com o mínimo de esforço e a melhor nota possível, pelos meios mais fáceis que a sociedade permitir. Nada - ou quase nada - de estudo sério e em profundidade, única maneira que temos de cumprir o nosso dever de estado para com o Senhor.

Ora num meio que não está certo, quer em relação à profissão, quer em relação à sociedade, quer em relação à cultura, só uma preocupação existente de descobrir os verdadeiros valores, e um esforço tenaz, para cada vez mais lhes sermos fiéis, nos poderão fazer progredir no caminho certo.

Lamentavelmente poucos de nós assim vivemos, e principalmente com pouca persistência. A análise do nosso clima quanto a interesses, conversas e ocupações proporciona-nos um autêntico exame de consciência: revistas ligeiras, cinema para distrair, livros policiais e romances, conversas de corredor e de café sobre o que calha, ... É a sorte de milhões de nossos irmãos com fome, sem abrigo e sem cuidados? É a obra de redenção que Cristo iniciou na Cruz? Quem se preocupa com isso nas nossas Faculdades do Porto, Coimbra e Lisboa?

Não tem, todavia, muito sentido a caracterização genérica do universitário como acabamos de fazer, visto que se nota diferenças de mentalidade e comportamentos entre os alunos do 1.º ano e os dos últimos. O caloiro entra na Universidade convencido que esta tem alguma coisa de diferente e substancial para lhe dar. Vem com grande capacidade receptiva e de adaptação às novidades, que espera encontrar. Mas, pouco e pouco, esta disponibilidade e estas preocupações imprecisas vão-se apagando. Dá-se uma acomodação progressiva do espírito à situação encontrada. Para tal, contribuem a Universidade e os próprios colegas mais velhos.

Várias deficiências se encontram no ensino universitário:

- não se criam hábitos de estudo profundo e de investigação séria e nota-se, regra geral, ausência de prática suficiente que acompanhe os conhecimentos abstractos adquiridos nas "sebentas"

- os conhecimentos são apresentados fragmentariamente, sem visão de conjunto, sendo o trabalho de síntese deixado exclusivamente ao aluno e desprezando, a maioria dos professores, os aspectos culturais das respectivas cadeiras - sua metodologia, sua história, sua filosofia.

- faltam cadeiras de Filosofia, Deontologia e Sociologia, que facultem a necessária integração dos conhecimentos profissionais nos outros ramos de saber (esta deficiência foi combatida nas últimas reformas universitárias) problema agravado pela tendência para o enciclopedismo e menosprezo pelo esforço de reflexão e por todo o trabalho pessoal.

- estão inteiramente fora das preocupações do ensino universitário fomentar a abertura para os problemas sociais e metafísicos. Nada se faz para a criação de um sentido de responsabilidade para com a sociedade. Também, e de forma ainda mais radical, estão ausentes as questões da origem do Homem e seu destino último, questões que actualmente se cria o hábito de relegar como coisa sem importância.

Mas para a deformação, normalmente processada nos universitários ao longo do curso, contribuem ainda os colegas mais velhos, como atrás se disse. Predomina, entre estes, a lei do menor esforço, tendente a aceitar a situação actual como um dado. Quando se impunha uma acção supletiva, verifica-se infelizmente uma acomodação aos erros. E os mais novos habituan-se a conviver com o que está mal, e a ir singrando, o melhor possível, pelos meios mais fáceis, porque "é assim a vida". Não podia ser mais nociva a acção sobre os caloiros; por meio de desabaços, de conselhos, de exemplos, comunicando-lhes falsos conceitos de vida e levam-nos a aceitar os erros da Universidade.

Finalmente, na maioria dos casos, os próprios universitários tendem a acentuar em si todas estas características, pelo assentimento tácito dado aos males que nesles se vão introduzindo, pela preferência que mostram pelos espectáculos fáceis, desportos de massa, e ocupações ociosas, e pela rejeição de qualquer esforço persistente.

## II - O Jucista na Universidade

Pode parecer, de toda esta análise, que a situação é inteiramente negra e nela todos têm culpa, desde a Universidade aos próprios estudantes. Ora, se bem que todos tenham de facto responsabilidade no estado em que estão actualmente as nossas Faculdades, não é de desânimo a conclusão a tirar. Quantos estamos reunidos no nosso VI Encontro, sabemos que a reacção é possível e que muitos têm reagido. Em torno de um professor ou assistente que compreendeu e vive a reacção necessária, em torno de um colega mais heroico, alguns acordam para o caminho certo e persistente nele. Se estivermos suficientemente à altura, por mais agudo que seja o nosso drama interior, muitos despertarão ao nosso contacto.

É-nos, pois, pedido um esforço de independência em relação às concepções correntes na Universidade. Para contrapor à atitude de acomodação que actualmente predomina, são necessárias personalidades formadas que possam servir de sugestão positiva para todos os que procuram suprir as deficiências de actuais formações profissional e cultural recebida na Universidade. Mas, mais do que sugestões, é necessário que essas personalidades sejam estímulo para uma reacção completa. Ora, só personalidades adultas, harmonicamente formadas, exercerão influência à sua volta.

Assim, é preciso desenvolver em nós, em todos os nossos jucistas, o sentido da responsabilidade, de persistência, de fidelidade aos verdadeiros valores; e descobrir a nossa vocação profunda, nossas potencialidades e limitações, construindo nossas vidas no caminho que nos foi destinado.

Mas não são personalidades apagadas, fechadas sobre si, as que o meio universitário pede. Deverão possuir, em elevada escala, todas as virtudes a que geralmente o universitário médio ainda é sensível: lealdade, dinamismo, desassombro, coragem... Não como um acréscimo superficial de valor meramente apostólico. Terão que ser bem radicadas, inseridas no núcleo profundo dos nossos valores interiores, porque também estes são valores cristãos e porque se precisam personalidades de uma só peça.

Mas nem só nas virtudes de carácter atentam os nossos colegas; é, portanto, em outros sectores que deveremos cuidar da formação dos universitários católicos. Enunciaremos três:

- em relação à doutrina cristã, são ainda correntes muitos preconceitos, originados pela cientismo dos intelectuais do século XIX. É considerada como coisa ultrapassada, actualmente insustentável, contrária à ciência e ao progresso, etc. Será, pois, respeitada, principalmente devido ao prestígio intelectual dos cristãos e ao equilíbrio e à extensão dos conhecimentos que estes possuem.



- Na maioria dos nossos colegas, existe um interesse pela novidade, uma tendência para discutir os assuntos novos e uma atenção espontânea ao sensacional. Daí, a importância da actualidade dos jucistas, em relação aos problemas internacionais, políticos, universitários, científicos, culturais...

É, também, marcada a atenção geral pelos problemas sociais, sendo dos aspectos mais positivos da mentalidade dos nossos colegas a preocupação pelos males da sociedade, pelas condições de vida do operário, pela situação das classes mais pobres, etc. Convém, portanto, desenvolver em nós um espírito desemburguesado e de iniciativa neste campo, para evitar termos de seguir, com restrições, soluções encontradas por outras ideologias; e necessitam-se ideias bem assentes, radicadas num estudo sério, que permitam realismo ao nosso pensamento social.

A J.U.C. e a J.U.C.F. não têm feito o suficiente neste sentido, principalmente, porque, além do aspecto essencial da formação espiritual, a sua preocupação maior tem sido a de dotar os associados de esquemas básicos e noções gerais sobre vários problemas culturais e de actualidade. Pouco ou nada se têm preocupado com a formação humana e com o despertar de valores a que o meio seja permeável.

### III A - Cultura e Apostolado - Na Universidade

Muitas sugestões concretas se poderam recolher nas reuniões de trabalho, ditadas pela experiência apostólica dos dirigentes dos 3 centros, acerca das correcções a fazer na JUC e na JUCE, bem como em nós próprios.

Há que ver quais delas serão oportunas para a nossa secção ou para a nossa diocese, e que ter muita persistência para as conseguir realizar através de todas as prováveis dificuldades. Não podemos, porém, julgar, termos descoberto soluções definitivas. Este Encontro será o principio duma acção e não unicamente o fim de uma análise.

As experiências das actividades que agora iniciamos indicar-nos-ão os pontos a corrigir, a análises a refazer, as novas iniciativas a lançar. Cada tentativa, falhada ou não, nos indicará melhores meios de acção.

Alinharemos, agora, as sugestões recolhidas que não tenham sido apresentadas conjuntamente com a análise até agora feita.

-- A primeira deficiência encontrada é de falta de continuidade nas actividades jucistas, atribuível principalmente a 3 factores.

a) Falta de preparação dos militantes escolhidos para dirigentes, que não sabendo bem o que lhes é pedido, hesitam e perdem a maioria do tempo de direcção, a aprender como devem actuar, só descobrindo geralmente, quando o ano já terminou, o que de facto importava fazer.

b) Falta de permanência dos dirigentes; geralmente mudam todos os anos, o que impede o aproveitamento da experiência adquirida.

c) Falta de continuação por parte dos dirigentes das experiências tentadas pelos que os precederam.

Sugeriu-se:

1º - a intensificação do esforço para preparar novos militantes por meio de cursos, publicações, indicações bibliográficas e de boas revistas, contacto com os jucistas mais experimentados...

2.º - Escolha dos futuros dirigentes com antecedência suficiente para que possam entrar em contacto, através dos dirigentes actuais, com os problemas do cargo que vão assumir e elaborar com tempo um programa prévio de actividades não improvisadas.

3.º - Criação de arquivos e registo de correspondência passadas, que serão óptimos elementos para impedir o recomeço constante das mesmas tentativas.

4.º - Realização de uma intensa reunião de dirigentes, no verão, que elabore planos gerais de longa duração.

-- Notou-se existir um certo alheamento entre a J.U.C. e a J.U.C.F. e os jucistas, por um lado, e a massa universitária, por outro. Ora, para um autêntico apostolado no meio, é necessário que estejamos de facto presentes nas várias actividades em que os nossos colegas normalmente participam. É necessário, por outro lado, não nos esquecermos de que a maioria dos universitários não pertence à J.U.C. ou à J.U.C.F. havendo portanto o perigo de a eles nos tornarmos estranhos, por tratarmos insistentemente problemas internos em que eles não participam - cobrança de cotas, avisos de reuniões, conversas sobre problemas do organismo...

Sugeriu-se:

1.º - Que o jucista evite andar separado das actividades académicas, aparecendo accidentalmente apenas para fiscalizar as decisões tomadas pelos colegas; procurar espalhar o sentido do trabalho em conjunto, indispensável para a verdadeira comunidade universitária.

2.º - Que se liberte o militante das actividades burocráticas, para uma acção pessoal constante na vida universitária, e que se relegue para reuniões de responsáveis o tratamento de questões internas, até agora efectuado nos corredores durante os intervalos.

3.º - Que se mantenham os temas de choque nas campanhas anuais de molde a obrigar o jucista a uma tomada activa de posição perante os colegas.

4.º - Que se convidem pessoas que se tenham preocupado e resolvido praticamente algumas questões sociais, para desfazer a opinião do nosso utopismo neste campo, por exemplo: fomentar o conhecimento de iniciativas católicas, como o movimento de construção de habitações, educação de desamparados, etc.

-- Frizou-se a necessidade de uma actividade cultural mais intensa:

1.º - Destacou-se a importância básica de órgãos culturais - jornais, cineclubes, etc - e do seu aproveitamento coordenado, para um esclarecimento e formação de mentalidade geral.

2.º - Evidenciou-se a importância para a estruturação intelectual em profundidade dos grupos de estudo, constituídos por universitários, recém-licenciados e professores, em que se versam problemas do curso, e de profissão, à luz do pensamento católico.

3.º - Apoiou-se e elogiou-se a realização de jornadas comuns às três universidades, à semelhança das projectadas por Direito, para o presente



ano, tendo-se pedido outras para os restantes cursos.

4.º - Sugeriu-se indicação de bibliografia de orientação católica relativa aos problemas de cada curso e de cada cadeira, e de outros assuntos importantes que infelizmente não são abordados no plano de estudo.

5.º - Julgou-se necessário versar, nos órgãos da J.U.C. e da J.U.C.F. problemas internacionais, políticos, científicos e universitários, numa preocupação para fomentar por eles o interesse do jucista médio; a actual indiferença destes por tais matérias, é tanto mais grave, quanto nos meios não católicos existe essa preocupação.

6.º - Mostrou-se a necessidade de continuar a abordar temas de crítica ao cientifismo, tais como: origens da vida e do universo, evolucionismo, processo histórico, etc, quer em cursos de inscrição limitada, quer em ciclos de conferencias ou reuniões gerais.

7.º - Propôs-se aproveitar para a formação da personalidade dos jucistas o trabalho de preparação das actividades da J.U.C. e da J.U.C.F., distribuído para isso mais largamente as tarefas, de forma a criar maior número de responsáveis.

-- Focou-se largamente a necessidade de uma preocupação mais intensa pela formação dos novos, com início ainda no curso do liceu e continuado durante os primeiros anos da Universidade.

Para tal, sugeriu-se?

1.º - Revisão da formulação como actualmente se faz o contacto com a J.E.C., que é imprescindível melhorar.

2.º - Criação de um grupo especial de jucistas, dedicado aos futuros universitários que percorresse os liceus do país, preparando uma próxima entrada nas diferentes Faculdades. Este trabalho seria completado, ocasionalmente, por publicações ou artigos nos órgãos da J.E.C., J.E.C.F., J.U.C. e J.U.C.F.

3.º - Edição de um pequeno livro destinado a caloiros sobre problemas do curso.

4.º - realização de reuniões no início do 1.º ano, feitas por autenticos professores e colegas mais adiantados para iniciar os caloiros, correctamente, nos problemas do curso.

5.º - Criação de um serviço de recepção e Apoio aos estudantes da provincia e muito especialmente do ultramar.

-- Sugeriu-se a criação nos Lares e repúblicas de bibliotecas e a realização de conferencias, cursos e retiros em ordem a uma necessária acção cultural que combata o ambiente habitual de superficialidade e troça sistemática. Sugeriu-se, mais, que se criassem núcleos de militantes e se cuidasse da sua formação e lançamento apostólicos, sendo fundamental, como é em tais meios, a acção pessoal. Viram-se as vantagens dos Colégios Maiores, excelente meio de resolver o problema da residência dos estudantes, e apoiou-se toda a acção no sentido de conseguir a sua criação

III - B - Cultura e Apostolado - Na sociedade

O contacto dos estudantes com meios extra-universitários, por um lado, fornece-lhes uma ligação fecunda com a realidade, muitíssimo formativa, e, por outro, permite que esses meios recebam da Universidade contributo valioso.

Para efeito de análise, podem considerar-se em separado os meios burgueses de bem estar económico e clima de futilidade, e os chamados meios populares.

Quanto aos primeiros, entendeu-se que o universitário não pode contar em definitivo todo contacto com eles, muito embora a penetração do Jucista em tais meios seja extremamente difícil dado que são meios que absorvem extremamente e deixam poucas disponibilidades para uma actuação apostólica autêntica. Para a resolução definitiva da questão, insistimos em que há a ter em grande conta a Vocação do Jucista. E nada leva a concluir "a priori" que aquele meio fútil não está precisamente esperando que ele o transforme. Todavia, o apóstolo deve ter presente que vai para tentar influir e não para se deixar subjugar, não devendo confiar demasiadamente nas próprias possibilidades.

No que se refere aos contactos com as camadas sociais mais pobres, entendeu-se serem eles muito importantes e indispensáveis, até mesmo só do ponto de vista de formação universitária. O Jucista tem de conhecer os meios populares para avaliar dos seus problemas. Entendeu-se também serem urgentes iniciativas em ordem à formação cultural dos trabalhadores. Notou-se que não se trata de transmitir às camadas populares as últimas aquisições da Ciência da Filosofia ou das Artes. O que importa é ajudar cada um a descobrir a sua própria cultura. No caso das camadas populares, a sua cultura tem de ter por base a dignificação do trabalho, a sua compreensão e entendimento da interpenetração no processo produtivo geral.

Um dos maiores impedimentos à formação cultural do operário reside nas más condições de trabalho, horário absorvente, trabalho excessivamente sincronizado, ausência de relações humanas... na melhoria das condições de trabalho, que o mesmo é dizer na sua humanização, se devem orientar os primeiros esforços de quantos se ocupam da formação cultural do trabalhador.

Nesta ordem de ideias propuseram-se vários meios:

1 - Conhecer e tornar conhecido a MONAC, obra de colaboração entre dirigentes e trabalhadores e pretendendo resolver, graças à colaboração de uns e outros, os conflitos que a falta de uma casa levanta.

2 - Aproveitar as férias grandes para missão em terras descristianizadas (liga-se ao tema n.º 2 "O Universitário e a Vida de Fé") Poder-se-iam aproveitar as casas que alguns universitários têm por todo o País. Pressupõe uma tal iniciativa um contacto prévio com o sacerdote da região para um aproveitamento máximo. Citou-se o exemplo do C.A.D.C. que, com vista à acção de testemunho em meios não universitários, tem realizado excursões com fins apostólicos, com participação na Missa paroquial, práticas desportivas e uma sessão cultural.

3 - Estudar a possibilidade de se criarem nas fábricas pequenos núcleos de operários com o fim de compreenderem os seus problemas específicos. Lembramos dois como dos mais importantes - o conhecimento da legislação do trabalho e as questões de ordem técnica. Deveriam ter a presença de um universitário e recém licenciados, de Direito, Económicas, Técnico, etc

4 - Estimular o trabalho das casas do rovo por parte dos que passam as férias na Província. Frequentes vezes, escassos em absoluto dirigentes com responsabilidade e espírito de empreendimento. É ocasião de lembrar o efeito poderoso que um pequeno impulso pode originar.

5 - Colaboração tanto quanto possível, na Campanha de Educação de Adultos.

Uma tal actuação na sociedade por parte do estudante tem de ser necessariamente limitada. O seu completo desabrochamento só vem a realizar-se quando no exercício de profissão, meio mais poderoso de o Homem trabalhar para o Bem humano. Desde já, torna-se indispensável uma preparação profissional não só técnica como social e não podemos esquecer que o conhecimento da realidade constitui uma função bem evidenciada na valorização profissional.

- - - -

## O UNIVERSITÁRIO E A VIDA DE FÉ

### I O Catolicismo em Portugal

Com esta primeira análise de alguns dos problemas da Igreja em Portugal, pretendia-se destacar certos índices do ambiente católico no nosso país, para uma melhor compreensão da situação religiosa na Universidade.

Ao realizar este estudo prévio recolheram-se também uma ou duas sugestões que não quisemos deixar de aqui registar.

As razões profundas da falta de Padres no nosso país, parecem ser o materialismo prático, não o científico, da vida das camadas burguesas e a extrema miséria das camadas populares, que abafam tantas vocações.

Apontando-se como solução um desenvolvimento da vida interior do espírito de pobreza e da consciência da "vocação" qualquer que ela seja como processo de realização e no caso particular das populações de nível de vida inferior a sua elevação económica.

sendo a Igreja a "comunidade dos crentes" muito há a fazer, para tornar mais exacta a ideia que as pessoas fazem da vocação sacerdotal e da sua dignidade, no sentido de mostrar toda a profunda realidade para além da renúncia e do sacrifício, mais evidentes.

Propõe-se que a J.U.C.: 1) por intermédio dos seus filiados auxilie a catequese nas paróquias, estude a possibilidade de dar as aulas de moral nos liceus e colégios particulares por intermédio dos seus antigos elementos recém-formados, e organize missões de apostolado e ensino durante o ano lectivo pelas classes populares urbanas e em férias pelos meios rurais e agrícolas. 2) Torne conhecida dos seus filiados a doutrina da Igreja sobre a escola livre e os deveres do Estado para com esta e agite no meio universitário o problema da Universidade Católica esclarecendo sobre a sua finalidade. 3) Estude o problema tramitino e tente despertar no meio universitário a compreensão pela vocação missionária do nosso país estudando simultaneamente a possibilidade de aproveitamento apostólico dos universitários que se propõe exercer a profissão nas nossas províncias ultramarinas.

### II A Comunidade Religiosa na Universidade

O carácter ideologicamente neutro da Universidade leva um grande número de estudantes ao desinteresse pela solução

justa dos grandes problemas humanos. Isto, porque cada professor toma a sua posição, gerando uma multiplicidade de orientações que acaba por provocar a perplexidade dos universitários. Daqui, advém o grande desequilíbrio entre a cultura profana e religiosa que, às vezes, permanece a nível do catecismo primário.

Para remediar esta deficiência da Universidade, chama-se para já a atenção dos jucistas para o conhecimento dos textos sagrados, das Encíclicas e Pastorais e assim para todos os meios porque a Igreja exerce o seu magistério.

Insiste-se na criação de um curso plurienal de filosofia católica e teológica.

Os jucistas não realizam a sua missão de revelar à Universidade e aos universitários o amor de Cristo porque, grande número, não vivem em intimidade com Ele. Falta-lhes sólida formação moral e religiosa e não estão empenhados na conquista da santidade.

Normalmente, usam mal os meios que para isso têm ao seu dispor. Por exemplo, a Oração continua a reduzir-se ao aspecto negativo da sensibilidade (1). A Direcção espiritual é, ainda considerada "beatice" por uns; para outros, que a possuem, uma "bengala" e o director de consciência é aquele a quem se responsabiliza por todos os nossos actos.

Insiste-se, por um lado, na necessidade do director; por outro, na sua compreensão justa, como ministro de Deus e amigo da nossa alma, a qual indica os caminhos do Senhor.

O retiro é ocasião de recolhimento e silêncio - só no silêncio, o Senhor se faz ouvir. É necessário que os jucistas vejam nele a grande oportunidade para o trabalho de Cristo em suas almas e não a oportunidade de ouvir ideias brilhantes dum pregador.

O conhecimento profundo da liturgia é condição essencial para uma verdadeira inserção na vida da Igreja. Chama-se a atenção dos jucistas para este aspecto, lembrando-lhes o grave dever de estudo dos principais actos litúrgicos começando por Santa Missa.

Para mais concreta participação na catolicidade da Igreja, é necessário o interesse dos jucistas pela vida da Paróquia Romana. Lembremos, para isso, a troca de correspondência (2) e a participação em cursos de férias, escolhidos criteriosamente segundo indicações do Secretariado Geral de Friburgo.

O "vêde como eles se amam" tem de ser uma realidade do nosso tempo. A equipa da J.U.C. ou da J.J.C.F. é, naturalmente, o primeiro grupo em que, dentro da Universidade, ele terá de realizar-se. Lembra-se, mais uma vez, a necessidade da Missa por equipas, em que cada membro se unirá fraternalmente, por Cristo, aos outros, especialmente se forem juntos alimentar-se d'Ele.

Este amor terá de realizar-se em obras. Por exemplo, não faz sentido que se ajude a estudar um colega, com intenções apostólicas e não se proceda, do mesmo modo, para com um membro da nossa equipa, porventura menos dotado.

(1) - Recomenda-se vivamente a leitura atenta de "Seeds of contemplation" de Thomas Merton. Há tradução.

(2) - Esta sugestão dirige-se, apenas, aos militantes, aos quais se recorda o perigo de a troca de ideias se confinar a problemas pessoais.



Também não faz sentido que numa reunião de equipa não falemos, em certa medida, nas nossas experiências religiosas e apostólicas; o que irá, de certo, enriquecer a experiência dos outros membros.

Insiste-se, porém, neste ponto: se o jucista se valoriza através da vida da equipa, isso só será possível na medida do enriquecimento que ele próprio lhe der, por uma participação activa na vida do grupo, e, fundamentalmente, pela profundidade da sua vida interior.

### III Os valores religiosos para além da Universidade

#### a) O Jucista e a vida religiosa da família

A família é uma comunidade e como tal deve ter uma espiritualidade própria. O assistir a família toda à mesma missa, o comungarem juntos, o rezar-se o terço em família, como todas as outras manifestações colectivas de piedade, vem favorecer a criação dessa vida espiritual própria. O jucista deve, tanto quando possível, estar presente na vida de piedade da família, salvaguardando evidentemente o seu dever de participar nas actividades jucistas - manhãs jucistas, colecções, etc. - excepto quando tal participação possa ser causa de perturbações realmente grandes no ambiente familiar.

Por outro lado, o jucista, que devido às próprias condições de vida universitária, de pouco tempo dispõe para estar em casa, tem de aproveitar esse mesmo tempo para que a sua presença seja dumã presença autêntica em espírito de serviço, em caridade, em amor. O apostolado não pode realizar-se apenas fora de casa, mas há-de exercer-se e em primeiro lugar - porque ela é o próximo mais próximo - na própria família.

Convém também que a família tome contacto com a JUC e de tal modo que este se lhe torne simpática:

- dando-lhe a conhecer as nossas actividades aproximando-se de autênticos jucistas.

Cabe ainda ao jucista?

- velar pela formação catequística dos irmãos mais novos quer ministrando-a ele próprio quer colaborando com a paróquia
- velar pela formação moral e religiosa daqueles que servem a família - criados, etc.

#### b) O Jucista e a vida religiosa na paróquia

Há muita necessidade urgente de que o jucista esteja de facto presente na vida paroquial porque:

- tal como a Família e a Universidade a Paróquia é também um dos quadros em que a sua vida decorre e para o bem da qual, portanto, ele tem de trabalhar.
- há um contributo que a não ser dado por ele, como universitário, não o será por mais ninguém.
- o Pároco tem necessidade da sua presença.

Tal contributo deverá ser dado através de:

- oferecimento para pequenos serviços - secretaria do paroquial, por exemplo - cuja realização deixará o Pároco mais livre para o ministério das almas
- ensino de catequese quando possível
- sugestões para renovação dos métodos de apostolado, renovação dos moldes de trabalho, etc, feitos com a maior humildade e sem a atitude de quem quer impor as suas ideias.
- integração nos quadros de apostolado da Paróquia, como Conferências de S. Vicente de Paulo, a que o jucista, porque universitário, poderá dar

um impulso e um auxílio da maior importância.

A Paróquia é também um meio de aproximação das diferentes classes pelo contacto dos membros dos vários organismos da Acção Católica.

Para isso recomenda-se aos jucistas que:

- tomem parte nas actividades dos 4.ºs domingos (domingo dedicado à Acção Católica na paróquia) nas paróquias onde eles se realizam e que as sugiram aos párocos naquelas onde não se realizam.
- que procurem aproximar-se dos outros organismos, em particular da J.O.C. e J.O.C.F., por exemplo participando nas suas reuniões, fazendo-lhes pequenas conferências, etc., o que poderá facilitar no futuro as relações entre patrões e operários, e trará, no presente, um enriquecimento tanto para o jucista como para o jucista.

Ao jucista cabe ainda estimular o movimento de renovação litúrgica quer integrando-se nele e levando os outros a integrar-se nas paróquias onde tal movimento exista, quer sugerindo-o e levando à sua realização naquelas onde não exista. Importa porém não esquecer que a liturgia, se nos leva a uma participação mais perfeita na vida da Igreja não é um fim em si, mas apenas um meio de glorificar a Deus, não se justificando portanto um certo espírito de superioridade e mesmo de despreso em relação aqueles que não adoptam as atitudes litúrgicas que consideramos perfeitas. Assim quantas das nossas pessoas que rezam o terço durante a Missa ou que recitam numerosas orações não dão a Deus mais glória do que nós próprios com todos os nossos conhecimentos litúrgicos, apenas porque são mais puros e humildes de coração.

Cabe igualmente ao jucista favorecer o movimento de renovação da arte-sacra, sem esquecer que as imagens são um meio de nos aproximarmos de Deus. Por esse motivo é necessário que não as façamos desaparecer nem lhes demos uma forma que as torne inacessíveis, como caminho até Deus, para a maior parte dos cristãos.

### c) O Jucista e os outros organismos da Acção Católica

Se é verdade que, como universitários, nos caberão um dia os postos de direcção na Sociedade, igualmente dentro da Acção Católica muitos de nós serão chamados a servir como dirigentes de outros organismos. Para bem nos desempenharmos dessa missão necessário se torna que desde já nos preparemos para ela:

- pelo contacto com elementos dos outros organismos através da paróquia,
- por reuniões gerais feitas por jucistas nas secções dos outros organismos,
- dedicando aos Campos de Férias um dia ao contacto com os elementos da Acção Católica local através de uma pequena festa, de um serão, etc.
- orientando neste sentido os licenciados, e, integrando-se os jucistas de Agronomia e Techn. durante os seus estágios nos organismos locais de Acção Católica.

Chama-se ainda a atenção de todos os jucistas para o dever de, uma vez licenciados, se integrarem nos respectivos organismos de adultos da Acção Católica - L.U.C. e L.U.C.F. - tendo presente que enquanto os organismos de jovens se destinam essencialmente à formação, os de adultos se destinam sobretudo à acção, donde um maior dever de irradiação.



d) O Jucista e a acção junto das classes economicamente débeis

Em relação às classes mais desprotegidas pode o Jucista actuar trabalhando em bairros pobres que pelo ensino da catequese, quer por actividades de educação familiar (masculina e feminina), quer ainda por colaboração em actividades médico-sociais e outras.

- Por iniciativas do tipo das da J.U.C.F. da diocese de Lisboa que no verão de 1955 tomou à sua conta a direcção e trabalho junto das crianças que estagiaram em Colónias de Férias que o Governo Civil mantém na Ericeira.

- Pelo trabalho junto de presos e menores delinquentes enquanto estão na cadeia e durante o período de adaptação à vida normal (sobretudo para os alunos de Direito).

- Pelo trabalho junto dos doentes internados nos hospitais (sobretudo para os de Medicina).

e) O Jucista em férias

Porque "na caridade não há férias" é necessário que também em férias o jucista dê testemunho de vida cristã e desenvolva actividade apostólica:

- Por meio de missões de carácter cultural e apostólico em regiões descristianizadas de acordo com os Bispos das respectivas dioceses as quais podem ser realizadas também, durante aulas nos bairros pobres dos próprios centros universitários.

- Oferecendo-se, para trabalhar, aos párocos dos locais onde passam as férias, levando sugestões e mesmo planos de trabalho, para as terras onde tal trabalho não esteja organizado.

Chama-se a atenção de todos os jucistas que colaboram na Campanha Nacional de Educação de Adultos para que dêem à sua actividade um sentido apostólico.

f) O Jucista e os estudantes do Ultramar

É necessário que todos os jucistas despertem para os problemas dos estudantes do Ultramar e os ajudem a resolvê-los:

1) Para que não se sintam isolados enquanto estão na Metrópole:

- Obtendo através da J.E.C. e J.E.C.F. os nomes e datas de chegada daqueles que vão vir.

- Acompanhando-os desde a sua chegada à Metrópole e ajudando-os a resolver todos os problemas de adaptação: matrícula, alojamento, etc.

- Dando na festa de recepção aos caloiros de cada Faculdade atenção especial aos caloiros do Ultramar (por exemplo numa faculdade distribuiu-se a cada um um cartão de convite com um motivo próprio da sua província).

- Procurando que nenhum passe o Natal sozinho e que aqueles que não tenham família na Metrópole o passem em casa de um colega, de modo a que todos se sintam integrados numa família.

2) Para que ao voltar ao Ultramar não estejam desadaptados:

- Levando-os a estudar os problemas das suas províncias.

- Dando-lhes a conhecer e a viver o sentido da missão que o seu trabalho futuro deverá revestir.

- Preparando com esta orientação as férias dos que têm ocasião de as ir passar às respectivas províncias levando

do-os também a aproveitá-las para contacto com os Organismos locais da Acção Católica.

Finalmente que os juvenis que durante a vida Militar se encontrem durante algum tempo nas províncias ultramarinas, se ponham em contacto com os Organismos locais da Acção Católica (o mesmo para as províncias metropolitanas).



Agora que acabaste de ler estas folhas, gasta 10 minutos e manda-nos as tuas críticas... para as "Cancelações" saírem com mais interesse no próximo ano.

Direcção Geral da J.U.C.F. - Av. Duque de Loulé, 90-n/c  
Direcção Geral da J.U.C. - Campo dos Mártires da Pátria,  
43 - Lisboa.

## Fundação Cuidar o Futuro

... e manda também o teu "julgamento" sobre o Encontro.

